



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC  
COLEGIADO DE ARQUEOLOGIA  
CAMPUS VIII – PAULO AFONSO / BAHIA  
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**EMILE RAYANE DE SOUZA CORREIA**

**O MURO DE PAULO AFONSO - UM OLHAR ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA DA  
ARQUITETURA**

**PAULO AFONSO - BA  
2024**

**EMILE RAYANE DE SOUZA CORREIA**

**O MURO DE PAULO AFONSO - UM OLHAR ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA DA  
ARQUITETURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado Bahia – UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Arqueologia.

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Jéssica Rafaella de Oliveira

Paulo Afonso - BA  
2024

EMILE RAYANE DE SOUZA CORREIA

**O MURO DE PAULO AFONSO - UM OLHAR ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA DA  
ARQUITETURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado Bahia – UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Arqueologia.

Aprovado em: 03 de janeiro de 2025

**Banca Examinadora:**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Jéssica Rafaella de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia

Titulação: Doutora em Arqueologia

Examinadora: Priscyla Fernanda Oliveira Viana

Titulação: Graduação e Mestrado em Arqueologia

Examinador: Augusto Moutinho Miranda

Titulação: Graduação em História e Arqueologia, Mestrado em Arqueologia



## ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 03 dias do mês de janeiro do ano de 2025 excepcionalmente em formato on- line às 08h:00 horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos membros:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Jéssica Rafaela de Oliveira

Me. Augusto Moutinho Miranda

Ma. Priscyla Fernanda Oliveira Viana

Em seguida, dando início ao evento, a professora Jéssica Rafaella de Oliveira convocou a aluna: **Emile Rayane Souza Correia** para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **O muro de Paulo Afonso – Um olhar através da arqueologia da arquitetura**, com o tempo de 20min para explanação e 60min, para arguição da banca examinadora tendo cada participante o tempo de 20min. Após esse período, a Presidente da banca examinadora, solicitou a saída da aluna e demais presentes para o fechamento da nota com os outros membros da banca. Em recinto fechado, a banca examinadora **APROVOU** o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **Emile Rayane de Souza Correia**, atribuindo nota **9,5** (nove virgula cinco) a referida aluna, conferindo-lhe parcialmente o grau de Bacharela em Arqueologia, tendo o mesmo o prazo de 30 (trinta) dias a contar com a data de apresentação para efetuar as considerações sugeridas pela banca e desde que aprovada pelo orientador, deverá entregar ao Colegiado de Arqueologia 01 (uma) cópia do TCC em capa dura na cor azul royal, e um arquivo da versão final do referido TCC em formato de PDF enviado via e-mail ao referido Colegiado, desde que tenha o aval da respectiva orientadora. O não cumprimento deste prazo impedirá a sua colação de grau. Não havendo mais nada a tratar, A Presidente da banca finalizou a sessão. Eu, Ana Cláudia da Costa Mota, secretária, lavrei a seguinte ata que depois de lida e se aprovada será assinada pela banca examinadora, e pela discente.

Paulo Afonso, 03 de janeiro de 2025.

**Assinaturas:**

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** EMILE RAYANE DE SOUZA CORREIA  
Data: 06/01/2025 10:38:32-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Discente: Emile Rayane Oliveira Correia



---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Jéssica Rafaella de Oliveira

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** AUGUSTO MOUTINHO MIRANDA  
Data: 06/01/2025 09:41:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Examinadora 1: Me. Augusto Moutinho Miranda

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** PRISCYLA FERNANDA OLIVEIRA VIANA  
Data: 06/01/2025 10:21:56-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Examinadora 2 - Ma. Priscyla Fernanda Oliveira Viana

***Dedico meu trabalho de conclusão de curso a minha família, meus amigos, orientadora e a toda comunidade Pauloafonsina.***

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais e familiares por todo apoio, confiança e tempo dedicado a mim, especialmente a minha mãe por sempre ter sido um exemplo e incentivo para que eu trilhasse pelos caminhos da educação.

A minha querida orientadora Jéssica Oliveira, por toda paciência e pelas colaborações no meu trabalho, especialmente por ter me guiado para caminhos diferentes dentro da arqueologia, pelo grande exemplo de profissional que se tornou para mim, por expandir o meu conhecimento e me apresentar arqueologia da arquitetura área na qual construí o meu trabalho e me encantei imensamente.

Aos meus amigos e colegas de graduação por terem seguido comigo na jornada acadêmica até o fim, especialmente a Itamara e Jeferson por toda paciência de escutar minhas angustias e por terem lutado comigo para melhorias em nosso curso.

A professora Fátima Oliveira por toda sua dedicação ao curso de arqueologia da UNEB, e as oportunidades que me proporcionou.

Ao diretor Vinicius Santos pelo carinho e olha cuidadoso para com os alunos de arqueologia.

A professora Cristiana Cerqueira por gentilmente sempre está disponibilizando o LAP-UNEB para uso dos alunos.

A Priscyla Viana pela paciência gentileza de colaborar com meu trabalho na produção dos mapas.

Ao colega de graduação Gustavo Rodrigues por ter se disponibilizado para realizar os desenhos dos croquis

Agradeço a banca examinador por se dispor a avaliar meu trabalho.

E para finalizar agradeço a mim por ter acreditado no meu potencial e não ter desistido, tudo isso faz parte de sonho que estou realizando, fechando esse ciclo para que novos comecem!

***Sobre a Vila Poty muita coisa é de conhecimento de tantos e sobre tais fatos pouco se tem registro histórico e precisamos deixar transformados em artigos literários impressos esses reais fatos acontecidos nos meios sociais de nossa cidade e ainda preservar a busca por uma sobrevivência mais justa, na ascensão dos que tiveram menos oportunidades. JOAO LIMA 2017***

## RESUMO

O atual trabalho tem como objetivo apresentar o muro de Paulo Afonso sob o olhar da perspectiva da arqueologia da arquitetura. Para compreender a estrutura do muro e suas repercussões com uma segregação espacial e social, foi buscado aprofundar os estudos sobre a arqueologia da arquitetura enquanto disciplina, entendido que a mesma indaga compreender os aspectos básicos das estruturas e principalmente os impactos sociais e econômicos, relacionado ao uso da mesma como ferramentas de poder, verifica-se que a investigação sobre o muro da região de Paulo Afonso é um exemplo clássico de como estruturas físicas quando usadas tendenciosamente, moldam uma sociedade por gerações, o trabalho evidencia a chegada da companhia hidroelétrica do rio São Francisco em Paulo Afonso e seus primeiros passos para a criação da cidade. A sua implementação no Nordeste foi considerada um marco gigante para o crescimento da economia e povoamento de várias regiões, apesar que por outro lado o empreendimento imponente causou para algumas cidades desconforto, em Paulo Afonso seus impactos destrutivos no âmbito social foram igualmente significativos quanto suas vantagens econômicas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Muro de Paulo Afonso, Vila Poty.

## **ABSTRACT**

The current work aims to present the Paulo Afonso wall from the perspective of architectural archaeology. In order to understand the structure of the wall and its repercussions with spatial and social segregation, we sought to deepen the studies on architectural archaeology as a discipline, understanding that it seeks to understand the basic aspects of structures and mainly the social and economic impacts, related to their use as tools of power. It is clear that the investigation on the wall of the Paulo Afonso region is a classic example of how physical structures, when used biasedly, shape a society for generations. The work highlights the arrival of the São Francisco River hydroelectric company in Paulo Afonso and its first steps towards the creation of the city. Its implementation in the northeast was considered a huge milestone for the growth of the economy and settlement of several regions, although on the other hand the imposing enterprise caused discomfort for some cities. In Paulo Afonso its destructive impacts on the social sphere were equally significant as its economic advantages.

**KEYWORDS:** Wall of Paulo Afonso e Village Poty

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Muro de Berlim (Reprodução do livro The Berlin Wall, Monument of The Cold War - Hans-Hermann).....	25
<b>Figura 2:</b> Município de Paulo Afonso-BA.....	28
<b>Figura 3:</b> Usina Angiquinho e a Cachoeira de Paulo Afonso nas cheias do rio São Francisco.....	29
<b>Figura 4:</b> Cachoeira de Paulo Afonso.....	30
<b>Figura 5:</b> Selo postal comemorativo da inauguração da usina hidroelétrica do São Francisco, mais conhecida como Usina Hidrelétrica Paulo Afonso I.....	31
<b>Figura 6:</b> Vista do CHPA: Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso.....	32
<b>Figura 7:</b> Imagem do Club de Paulo Afonso na década de 60.....	35
<b>Figura 8:</b> Vista do CPA imagem por drone.....	35
<b>Figura 9:</b> Prédio do COPA.....	36
<b>Figura 10:</b> COPA - clube operário de Paulo Afonso os inesquecíveis bailes do passado.....	37
<b>Figura 11:</b> Cozinha da Vila Poty.....	38
<b>Figura 12:</b> Casas da Vila Poty.....	39
<b>Figura 13:</b> Imagem da feira livre na década de 70, atual praça Abel Barbosa.....	39
<b>Figura 14:</b> Escola Adozindo Magalhães de Oliveira, onde hoje se localiza a Universidade do Estado da Bahia Campus VIII.....	41
<b>Figura 15:</b> Fila dos trabalhadores da CHESF para receber os presentes de natal dos seus filhos.....	42
<b>Figura 16:</b> O natal na CHESF, entrega dos presentes natalinos para os filhos dos empregados.....	43
<b>Figura 17:</b> Vila Poty.....	44
<b>Figura 18:</b> Início da separação do acampamento da CHEFS e a Vila Poty.....	45
<b>Figura 19:</b> Ilustração que simboliza a luta de Abel Barbosa para a derrubada do muro, Feita por um artista local Edson Chucky.....	47
<b>Figura 20:</b> Realização do trabalho de identificação da estrutura.....	48
<b>Figura 21:</b> Caixa d'água e sirenes.....	49
<b>Figura 22:</b> Caminhamento do GPS.....	50
<b>Figura 23:</b> Mapa da localização do muro de Paulo Afonso.....	53
<b>Figura 24:</b> Imagem do Gustavo realizando o croqui do ponto 4.....	54
<b>Figura 25:</b> Imagem do ponto 4 no qual foi realizado o croqui.....	55
<b>Figura 26:</b> Croqui, desenho arqueológico.....	56
<b>Figura 27:</b> Imagem representando a naturalização do muro nos ambientes cotidianos.....	57

## **LISTA DE SIGLAS**

**COLEPA:** Colégio de Paulo Afonso

**COPA:** Club Operário de Paulo Afonso

**CPA:** Club de Paulo Afonso

**CHESF:** Companhia Hidrelétrica do São Francisco

**CHPA:** Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IFBA:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

**GPS:** Global Positioning System

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2. ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA</b> .....	15
2.1. Muros na história recente.....	23
<b>3. INSTALAÇÃO DA CHESF E TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE DE PAULO AFONSO</b> .....	28
3.1. O Acampamento CHESF e a Vila Poty .....	33
<b>4. O MURO DE PAULO AFONSO</b> .....	45
4.1. Pesquisa de campo e parte materializada da história.....	48
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
<b>REFERENCIAS</b> .....	60

## 1. INTRODUÇÃO

O material de estudo dessa pesquisa foi o muro de Paulo Afonso, uma estrutura construída intencionalmente para separar espacialmente e socialmente o empreendimento da Hidroelétrica de São Francisco da população que se instalou ao seu redor, um dos objetivos deste trabalho identificar a estrutura do muro delimitando sua extensão por completo e quais partes ainda estão presentes na cidade. Para analisar os aspectos da estrutura foi utilizado a base teórica da arqueologia da arquitetura, que por seus vieses explora as arquiteturas das estruturas do passado repensando criticamente os processos de reprodução dos sistemas de poder no nosso cotidiano, considerando a arqueologia da repressão e discutindo as estratégias.

No tópico 2, foi abordado o referencial teórico acerca da arqueologia da arquitetura, buscando compreender como as estruturas foram usadas como instrumentos de poder durante desenvolvimento da sociedade como um todo, em seguida foi realizado uma breve explanação a respeito do erguimento de muros ao longo da história mais contemporânea. No tópico 3, foi tratado a chegada da companhia no território de Paulo Afonso, quais foram as primeiras iniciativas e como ocorreu sua instalação na região, de início já foi estabelecida uma delimitação entre CHESF e outras regiões, uma delas a Vila Poty. Dando seguimento apresenta-se como eram as divisões entre esses dois assentamentos.

No tópico 4, através dos registros históricos realizou-se um trabalho de campo para identificar se ainda haveria partes do muro existentes na região onde o mesmo foi construído, a partir da identificação dos fragmentos do muro foi elaborado uma documentação incluindo a fabricação de mapa, registro fotográfico e desenho, o muro desempenhou um papel significativo nas narrativas da cidade, a efetuação desta documentação decorre pela relevância de não perder essa parte contextualizada da história. No tópico 5, apresenta-se as considerações finais onde sob o olhar da arqueologia da arquitetura discutimos os impactos causados e a utilização do muro no passado e no presente.

## 2. ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA

Novas disciplinas fundamentadas nas ciências naturais e exatas começaram a ser pensadas durante o século XIX, com propósito justificar um novo passado e, portanto, uma nova realidade de dominação e de sistema de poder, este processo está associado com o surgimento das disciplinas como história e a arqueologia, além da antropologia e a sociologia (ZARANKIN, 2001).

Assim como outras ciências sociais, a Arqueologia funciona como uma ferramenta de legitimação do mundo moderno, ao longo dos anos as ideologias na qual foi criada foram sendo modificadas, nos questionamos para que e como poderíamos contribuir na sociedade em que vivemos, um outro caminho seria construir processos de desconstruções dos aspectos ligados ao nosso cotidiano (ZARANKIN, p. 51, 2001).

Nesse sentido, a “Arqueologia da Arquitetura é um campo de pesquisa que estuda as construções/edifícios a partir de uma perspectiva arqueológica” COPÉ, 2006; SANTOS, 2013, 2015; VILLELA & TIRELLO, 2014; ZARANKIN, 1999, 2002, 2003) esse estudo foi introduzido na década de 70, na Espanha e na Itália, segundo Tirello (2007), com investigações direcionadas para a arquitetura medieval. De acordo com Copé (2006) “as raízes da Arqueologia da Arquitetura se obtêm no desenvolvimento da Arqueologia Urbana e Medieval na Europa ainda no final da década de 50” (LE MOS, 2019).

Com novos campos de pesquisa nos interessa discutir o da arqueologia da arquitetura, este de maneira geral se consolida como uma corrente de pesquisa que engloba trabalhos direcionados ao estudo da arquitetura de um ponto de vista arqueológico, orientados nas análises de sua materialidade, essa abordagem proporciona uma nova perspectiva de análise para a discussão de elementos relacionados a conformação da paisagem cultural (ZANRANKIN, 2001). As construções são vistas como elementos ativos, produtos culturais que interagem de forma dinâmica com a humanidade (KING, 1980).

Para Santos (2013, 2015) e Villela e Tirello (2014), a arqueologia da arquitetura é uma linha de pesquisa que originou-se com o objetivo de aplicar métodos arqueológicos na reconstrução da história de edifícios a partir da análise de dados obtidos em escavação (estratigrafia, coleção artefactual etc.), como também a partir da análise dos materiais e das técnicas de construção e de análises estilísticas, montando uma cronologia evolutiva dos edifícios que estaria relacionada a contextos históricos e sociais. Ao mesmo tempo, também se desenvolveu a partir de um caráter preservacionista, com o objetivo de atender às demandas de restauro e conservação de patrimônios históricos edificados (BOMFIM et al., 2016; SANTOS, 2013, 2015; VILLELA & TIRELLO, 2014, Apud LIMA, 2019).

A Arqueologia da Arquitetura na América do Sul, apesar de diversa e heterogênea, possui algumas características distintivas. Uma delas tem sido o crescente interesse em discutir os sistemas de reprodução das estruturas de poder na região. Concebendo a arquitetura como tecnologia de poder e forma de comunicação não verbal (FUNARI, 2020).

Um dos recursos distintivos da espécie humana é a sua capacidade de planejar, projetar e construir o seu próprio habitat. O resultado deste processo é uma heterogeneidade de estruturas materiais distribuídas na paisagem que chamamos de “Arquitetura”. Em suas origens a Arqueologia já se interessava pelos estudos e análises da Arquitetura de grupos do passado. Contudo, somente ao fim do século XX é que um campo específico de investigação dentro da Arqueologia denominado “arqueologia da arquitetura” e se estabeleceu a nível mundial (Steadman 1996, 2015; Azkarate 2001, 2013; Manana Borrazás, Blanco Rotea e Ayán Vila 2002) Na América do Sul, este tipo de estudos tem vindo a crescer e a diversificar-se, sendo possível encontrar trabalhos de análise arquitetônica/espacial (FUNARI, 2020)

Explicações frequentes da origem e função da arquitetura está relacionada com a necessidade de proteção/abrigo dos seres humanos (Zevi 1969; Nuttgens 1983; Conway e Roenish 1994). Talvez esta ideia possa justificar um dos seus princípios básicos, mas claramente está longe de fundamentar as suas transformações e expansão a todos os aspectos da existência das pessoas. Na verdade, as ciências sociais, a partir de múltiplas perspectivas, têm estado interessadas em discutir a

natureza da arquitetura e a organização do espaço (Panofsky 1957; Foucault 1976; King 1980; Gottdiener 1985, 1995; Lefevre 1991). Considerando que existe uma enorme heterogeneidade de posições a este respeito, como referimos no início deste trabalho, interessam-nos abordagens que considerem a arquitetura como uma ferramenta que funciona como mediadora entre uma ideologia (materializando-a numa estrutura e a sua organização espacial) e as pessoas (HALL 1966; ECO 1968; GRAHAME 1995, 1997).

É notório que há um preconceito com esse tipo de estudo, pois como aponta Trigger (1989), para muitos entre aqueles que se dedicam à arqueologia, trabalhos que não envolvam escavações ou estudo de objetos antigos não podem ser chamados de “arqueológicos”, consideramos que a diferença entre esse trabalho e o de especialistas de outras disciplinas é a sua capacidade de compreender e interpretar a “cultura material” (independentemente de variáveis como o espaço, o tempo ou a origem dos materiais). Simultaneamente, uma “arqueologia do cotidiano<sup>1</sup>” pode ser vista como uma arqueologia socialmente útil, que por sua vez contribui diretamente para a reflexão sobre os princípios ideológicos que estruturam as nossas vidas. Como aponta Foucault (1976), somente compreendendo e expondo os dispositivos de reprodução do poder teremos a possibilidade de gerar mudanças na sociedade (FUNARI; ZARANKIN, 2020).

Em síntese, a arquitetura, como elemento construtivo da paisagem humana pode ser um caminho alternativo para estudar o mundo social (SAMSON, 1990). Por outro lado, a arqueologia, como disciplina especializada em estudar a cultura material, concede os instrumentos teóricos metodológicos adequados para se atingir esse objetivo (ZARANKIN, 2001). A arqueologia como disciplina especializada no estudo da cultura material, concede a oportunidade de discutir discursos, assim como as ideologias que estão representada nas paredes.

Um dos vieses dos estudos dessa disciplina, é compreender as estratégias reprodutivas do sistema de poder, e recorrendo à metodologia de análise arquitetônica

---

<sup>1</sup> Arqueologia do Cotidiano: parte da arqueologia dedicada a estudar os eventos cotidianos das sociedades e/ou de indivíduos.

no decorrer do tempo foi observado e realizado diversos estudos tomando como casos de análise elementos arquitetônicos do nosso cotidiano como casas, escolas, muros, instituições bancárias, prisões, entre outros (FUNARI; ZARANKIN, 2020)

A arquitetura é como instrumento fundamental para a transformação e a modelagem do mundo em que vivemos. Os cenários naturais são continuamente apropriados por indivíduos e grupos, sendo convertidos em algo radicalmente distintos, esses novos espaços domesticados ou lugares são tanto produtos como produtores de significado social. Inserida nesse contexto, a arquitetura como parte da paisagem cultural pode ser vista como um espaço de lutas entre poderes e ideologias culturais, um firmamento no espaço de lutas entre poderes e ideologias contrárias (MILLER 1984, PARKER E RICHARDS 1994 APUD, ZARANKIN 2001).

A arquitetura e a organização dos espaços podem e devem ser pensadas como ferramentas para garantir o funcionamento do poder, dessa maneira, observamos que a arqueologia é, na verdade uma construção cultural do passado, uma ferramenta de luta política disposta a enfrentar as narrativas das histórias oficiais (JOHNDON 1966 ET. AL NIRO 2010). De acordo com Foucault 1976, prisão ao corrigir, modificar, ou tornar dócil e disciplinado o indivíduo, reproduz de maneira capciosa todas as estruturas que se encontram o corpo social, a arquitetura destes lugares cria limites artificiais, no qual os corpos são confinados e controlados (GRANHAME, 2000; ZARANKIN 1999, 2000, 2010).

Para projetar e construir a paisagem, o sistema abarcado pelo monopólio da política, inventa dispositivos para se autolegitimar e se reproduzir. Dessa maneira a arquitetura faz parte desta manipulação, sendo considerada como uma tecnologia do poder (Foucault 1976, Grahame 1995). Como indica Foucault 1976 a arte de destinar as pessoas e coisas no espaço é um instrumento disciplinas do sistema de poder (ZARANKIN, 2001). O espaço só é domesticado totalmente quando o transformamos em lugar, ou seja, quando ele é conhecido, ocupado e utilizado. Em geral, esta transformação é obtida por meio da utilização e imposição de um nome a um espaço ou através de mudanças em sua materialidade. Assim, por serem construções culturais, os lugares não são neutros (VIÑAO 1998 APUD ZARANKIN 2001).

Afirma Delle 1998 que o espaço construído/utilizado pelo ser humano contém múltiplos significados que mudam com o tempo e com o contexto social, refletindo e construindo relações sociais. Ou seja, a paisagem não detém apenas uma função de produto/objeto, derivando de uma determinada estrutura social e histórica, ela também é um agente nessas estruturas, influenciando a própria constituição da sociedade (Pearson e Richards, 1994). McGuire 2008 apresenta, a paisagem não é só um plano de fundo da experiência humana, ela tem uma atribuição ativa na reformulação de relações sociais e de poder, estando atrelada a determinadas ideologias. Em 2001, Troncoso ao discutir a relação entre espaço e poder, considerando tanto o marxismo como o trabalho de Foucault, afirma que a paisagem é historicamente condicionada, construída socio culturalmente de acordo com determinados sistemas de poder-saber, sendo também um elemento socialmente ativo (LEMOS, 2019).

No caso da sociedade ocidental, durante o desenvolvimento do século XVIII, grupos de poder tomam consciência da importância e utilidade de exercer o controle sobre a construção material do espaço humano. O planejamento das cidades e as estruturas inseridas nesta passam a ser de interesse das políticas de Estado, para assim enfrentar o caos gerado pelas transformações da revolução industrial. (ZARANKIN, 2001)

O crescimento descontrolado das cidades a partir do século XVIII, aliado à tomada de consciência, pelo poder, da utilidade de controlar a organização e a construção do espaço e das estruturas dentro dele, foi acompanhado de mudanças importantes para a época. Consideremos que são poucos os textos anteriores ao século XVII sobre normas que regulem a construção. Foi, nesse momento, que se tornou necessário formalizar algumas regras existentes e, em muitos outros casos, criar outras, produzindo o início do fim da arquitetura vernácula. Este fato pode ser interpretado como a conscientização, por parte do poder, da necessidade de controlar e manipular o novo mundo urbano, onde o capitalismo se consolidava como modo de produção, por meio de instrumentos como a planificação e regulamentação das construções. A arquitetura começa a ser um instrumento fundamental para a transmissão e reprodução do poder no sistema capitalista (ZARANKIN, p. 44, 2001).

O espaço só pode ser completamente domesticado quando transformado em “lugar”, ou seja, quando é conhecido, ocupado e utilizado. Geralmente esta transformação é através de duas estratégias principais; a imposição de um nome num

determinado espaço; ou através de modificações na sua materialidade, tornando assim a arquitetura em uma ferramenta central para domesticar o espaço. Sendo construções culturais, que corroboram com os discursos de que lugares não são neutros. Como aponta Foucault 1976, o ato de distribuir pessoas e coisas no espaço é um mecanismo disciplinador do sistema de poder (ZARANKIN, 2001).

O dispositivo disciplinar exercido sobre os corpos dos indivíduos: trabalhadores, presos, pacientes, estudantes, ocorreu historicamente na sociedade industrial que atingiu seu apogeu com a organização científica do trabalho. A vida humana, naquele momento, transformou-se em produção, e a sociedade disciplinar poderia então ser considerada uma “máquina de produzir” trabalhadores... Casas e escolas, espaços e muros de confinamento, e as suas transformações ao longo do tempo, são exemplos a partir dos quais podemos refletir sobre as consequências destas mudanças e os seus efeitos sociais e materiais (ZARANKIN; FUNARI p. 10, 2020).

A construção da paisagem humana é fruto, sobretudo, da história da luta pelo poder, ou seja, dos confrontos entre posições que tentam dominar e outras resistem. Controlando e moldando as políticas de construção paisagística, o sistema inventa dispositivos para se legitimar e reproduzir. A arquitetura faz parte desta manipulação ao ponto que pode ser considerada uma tecnologia de poder (Foucault 1976; Grahame 1995). Num universo capitalista pontualmente o crescimento das cidades está interligado com as regras de construção que são impostas, gerando a popularização de uma propensão arquitetônica para o predomínio da arquitetura controlada pelo sistema. Gerando um processo de “arquitetura” da paisagem e da vida humana, onde cada vez mais atividades são realizadas dentro de estruturas construídas ou dependem delas para serem realizadas (SENNETT 1974; MARKUS 1993 et.al ZARANKIN E FUNARI, 2020).

A arqueologia da paisagem é hoje um componente importante dos estudos realizados por arqueólogos para a compreensão dos povos e culturas do passado. Na perspectiva pós-moderna<sup>2</sup>, a paisagem tem sido analisada por uma variedade de abordagens que têm se colocado além da ideia de que ela se constitui apenas em um recurso para abrigo, aquisição de matéria-prima e práticas de subsistência. Nessa

---

<sup>2</sup> Perspectiva pós-moderna: formas de percepção do mundo e do ser, bem como a modos de agir e reagir diante de certas motivações sociopolíticas atuais.

perspectiva, tem se assumido também que ela possui atribuições socioculturais. Na arqueologia histórica, embora nenhuma definição de arqueologia da paisagem venha sendo adotada, essas novas perspectivas vêm crescendo ao longo dos anos (SOUZA, 2007).

A partir de uma arqueologia do passado próximo, recente, contemporâneo ou presente (Buchli e Lucas 2002; Ruibal 2014) foi proposto uma discussão que exponha situações de reprodução da desigualdade e da violência social e, portanto, contribuem na construção uma sociedade mais democrática e justa (Funari 1997). No âmbito desta procura ética de uma prática arqueológica libertária, questões são levantadas para retomar a discussão sobre o papel que a Arqueologia pode desenvolver no estudo do mundo moderno, em particular o Arqueologia da Arquitetura (ZARANKIN; FUNARI 2020).

Outros estudos concentram suas abordagens na relação entre mudança social e arquitetônica ao longo do tempo (Glasie 1975; Deetz 1977, Palcovch 1988, Kent; Lawrence 1990; Johnson 1991, 1993; Markus 1993; Price Feinman 1996). Alguns pesquisadores veem o surgimento da forma arquitetônica em fatores como a cultura ou o comportamento, econômicos e demográficos, ao passo que outras perspectivas o vinculam a questões ideológicas, simbólicas ou a estratégia de controle do poder (ZARANKIN, 2001).

Um primeiro estudo definido como “experimental” sobre a arqueologia da arquitetura da vida cotidiana, surge de um trabalho de análise das paredes perimetrais de casas familiares no Brasil. Justamente, uma das coisas que mais chamam a atenção das cidades brasileiras para quem vem do exterior são seus enormes muros, as grades onipresentes e as cercas de arame eletrificado que a maioria das estruturas arquitetônicas exibem como algo “natural e normal”. Zarankin posteriormente discute, as justificações mais frequentes relacionadas com a arquitetura, que surge com um carácter simples e funcionalista (necessidade de abrigo das pessoas), e ao longo do tempo surgem abordagens alternativas para serem observadas, o fenômeno das práticas construtivas e sua relação com questões como ideologia e poder (ZARANKIN; FUNARI. 2020).

Já na arquitetura do corpo, se dispõe de um caráter dinâmico e mutável, pois um simples movimento do corpo gera transformações. Um exemplo, isso possibilitaria que um indivíduo excluído intencionalmente, voltasse a ação através do reposicionamento no espaço. Agora, se em vez de serem feitos movimentos corporais como virarmos as costas, construímos muros que deixa fora da ação aqueles indivíduos com quem não queremos interagir, e dentro daquelas com quem o fazemos, estamos a produzir uma ferramenta que materializa uma intenção em uma forma muito mais eficaz e duradoura. A arquitetura garante assim a possibilidade de manter certas relações sociais imutáveis através da manipulação do espaço (King 1980; Lefevre 1991; Markus 1993). Desta forma, a organização do espaço realizada através de estruturas arquitetônicas afeta da mesma forma que o corpo o tipo de relação entre as pessoas, e entre pessoas e objetos (ZARANKIN, 2002).

Por sua vez, Foucault (1976) sustenta que a arquitetura é um meio eficaz de controle e disciplina social. Com base nessa informação, desde o final do século XVIII, o sistema vem gerando diversos esquemas de controle do espaço de moradia das pessoas, por meio de codificações construtivas, desde as multiplicações de cursos de arquitetura e engenharia, escolas e registros profissionais, entre outros. Essa manobra de moldar a oferta e demanda gera o resultado de uma homogeneidade construtiva cujas bases ideológicas sustentam princípios de desigualdade, ao mesmo tempo que os naturaliza e os torna inquestionáveis. (SAMSON 1990; PARKER PEARSON E RICHARDS 1994 et al ZARANKIN E FUNARI, 2020).

Por outro lado, os pesquisadores, tem esquecido um outro ponto importante que é a relação existente entre a arquitetura e seu contexto histórico, social e simbólico, já indicada por Panofsky (1957). As relações entre arquitetura, história e sociedade tem sido um tema conjurado pela maioria dos investigadores. Talvez esteja relacionado com a procura de argumentos para tirar da arquitetura intenções e conotações ideológicas. Dentre elas, a de mostrá-la romantizada, e as construções como obras de arte, ou a partir do discurso científico, como uma ciência racional e objetiva, destinada a construir uma paisagem humana "neutral e funcional" (ZARANKIN, 2001).

Por sua parte, Foucault em 1976 ressalta que o sistema usa de diferentes estratégias, quase sempre imperceptíveis para o comum da população, para formar indivíduos disciplinados e úteis, sendo uma delas a manipulação da cultura material, desta forma, a arquitetura pode ser usada como um meio efetivo para controlar e disciplinar o indivíduo. Há já algum tempo que crescem movimentos decoloniais nas arqueologias sul-americanas que procuram criar debates divergentes, de acordo com a sua história e contextos sociopolíticos. Partindo de posições que entendem a Arqueologia como forma de ação política (McGuire 2008), procuramos repensar criticamente os processos de reprodução dos sistemas de poder no nosso dia a dia, bem como as suas múltiplas ligações a nível regional. Neste contexto, a Arqueologia da Arquitetura pode funcionar como uma ferramenta relevante, servindo a construção de mecanismos de reclamação e questionamento social (ZARANKIN; FUNARI 2020).

Os prédios devem ser considerados como objetos sociais, e como tais estão carregados de valores e sentidos próprios de cada sociedade. No entanto, não são um simples reflexo passivo desta, pelo contrário, são elementos ativos na formação das pessoas. Dito mais uma vez, a arquitetura denota uma ideologia, e possui a particularidade de transformá-la em "real" (material), para desta forma transmitir seus valores e significados por meio de um discurso material (Zarankin, 2001). As instituições e os espaços, sem dúvida, são dispositivos centrais para modelar os indivíduos desejados pelo sistema, enquanto os muros e muros determinam as formas e os ritmos desse processo de construção disciplinar (ZARANKIN; FUNARI 2020).

## **2.1. Muros na história recente**

Arqueologia, por trabalhar com materialidades, possibilita a construção de memórias e histórias subalternas que não estão presentes nos discursos oficiais ou que são manipuladas pelos mesmos (LEMOS, 2019).

É fundamental mencionar o Muro de Berlim na História das relações de muros erguidos, pois os acontecimentos que surgiram em torno deste foram representações importantes da Guerra Fria, que tiveram impacto na situação de assuntos internos da República Federal da Alemanha e da República Democrática Alemã, bem como nas relações internacionais da época.

A partilha, entre quatro potências, na verdade, provocou uma só divisão: de um lado, as forças capitalistas (EUA, Reino Unido e França) e, de outro, a comunista (União Soviética). A operação de construção do Muro foi coordenada pelo então secretário de Segurança do Comitê Central do SED, Erich Honecker, o mundo foi pego de surpresa com o fechamento definitivo da fronteira (TARGINO, 2018).

A divisão física denominada mundialmente como Muro de Berlim, e vista aos olhos ocidentais posteriormente como "Muro da Vergonha", marcou tempos de divergência no âmbito econômico social, enquanto duas grandes potências lutavam por sua hegemonia perante o restante do mundo. A construção do Muro nada mais foi que uma representação da ideia de "conflito ideológico"<sup>3</sup>, onde havia ausência de confrontos bélicos primeiro-mundistas, pois este foi construído com o intuito de obstruir a migração do lado Oriental (socialista) insatisfeito com sua economia, para o lado Ocidental (capitalista) que tentava os habitantes orientais com seu progresso econômico (DOMINGOS; LIMA; COLLOVINI, 2019).

A repercussão da importância do Muro de Berlim, escolhendo, especificamente, o Jornal do Brasil e a Folha de São Paulo, a fim de compreender a influência do papel deste acontecimento tanto no cenário interno de Berlim (DOMINGOS; LIMA; COLLOVINI, 2019).

O máximo símbolo da divisão da cidade de Berlim, da Alemanha, do continente europeu e, em certo sentido, do conflito da Guerra Fria era justificado pelos dirigentes comunistas germano-orientais sob o argumento de proteger a economia da República Democrática da Alemanha do saqueio, do contrabando e da especulação, além de controlar a população e evitar a fuga em massa de trabalhadores qualificados para o setor oeste da cidade, território da República Federal da Alemanha (AVILA, 2009).

---

<sup>3</sup> Ideológico: parte do princípio de um conjunto de ideias envolvendo perspectivas políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas.

**Figura 1:** Muro de Berlim (Reprodução do livro *The Berlin Wall, Monument of The Cold War* - Hans-Hermann)



**Fonte:** Estadão. Fernanda Simas, s.d.

O Muro continuou por anos exercendo a função de “barreira de proteção”. No entanto, era uma barreira que poderia ser transposta, mas não necessariamente derrubada. Mantê-la de pé ajudaria a autoridade do país a manter um mínimo de controle sobre uma situação que já havia se revelado caótica, se preciso fosse, ainda haveria a possibilidade de fechar a passagem (TARGINO, 2018).

Em 9 de novembro de 2009 foi comemorado o vigésimo aniversário da queda do muro de Berlim. Na oportunidade houve encontros de lideranças políticas, festejos populares e apresentações artísticas (AVILA, 2009).

A violência e o medo combinam-se a processos de mudança social nas cidades contemporâneas, gerando novos métodos de segregação espacial e discriminação social. Nas duas últimas décadas, em cidades tão diversas como São Paulo, Los Angeles, Johannesburgo, Buenos Aires, Budapeste, Cidade do México e Miami, diferentes grupos sociais, especialmente das classes mais altas, usam o medo da violência e do crime para justificar a implantação de novas tecnologias de exclusão social (CALDEIRA, 2003).

O aumento expressivo dos atentados suicidas islâmicos levou o Estado de Israel a erguer muro defensivo principalmente na Cisjordânia (incluindo-se Jerusalém Oriental) decisão do Gabinete tomada em 14 de abril de 2002, aperfeiçoada em 23 de junho de 2002, em 14 de agosto de 2002 e 10 de outubro de 2003, a ponto de versão revisada do projeto, instala na Cisjordânia uma barreira de segurança de 720 km de comprimento, tal edificação protetora, conforme alegou o Ministério das Relações Exteriores israelense, ocasionou uma sensível diminuição dos ataques terroristas e maior eficácia no combate à infiltração terrorista, particularmente na Faixa de Gaza. Comparado com o ano anterior, em 2003 teria havido queda de 30% no número de atentados terroristas e decréscimo de 50% no número de vítimas mortas por terroristas. (FROTA, 2007).

A construção do muro defensivo israelense no Território Palestino ocupado significaria ofensa ao direito à autodeterminação das comunidades palestinas, enquanto não houver acordo de paz permanente entre Israel e as facções político-paramilitares palestinas, não existirá medida estatal de defesa antiterrorista eficaz (FROTA, 2007). A construção do muro não é a medida mais adequada, nem a menos ofensiva no Território Palestino ocupado.

De qualquer forma, é importante ressaltar que as materialidades dessas construções que foram planejadamente usadas para atuar sobre os sentidos de separação e segregação, tendo um papel central no emprego das estratégias tanto de repressão, quanto de resistência, demonstram que é impossível falar de opressão política, disciplina e resiliência, sem falar dos sentidos e de materialidade, pois não tem como desassociar a história da criação dessas estruturas e as experiências nelas vividas pelas paredes (LEMOS, 2019).

Um dos pilares da campanha de Donald Trump durante as eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, quando ele utilizou uma retórica fortemente polarizadora para tratar da questão da imigração, em especial na fronteira com o México. A promessa de construir um muro na fronteira tornou-se um símbolo de sua política migratória, que buscava reforçar a segurança fronteira e restringir o fluxo de imigrantes (BRAGANÇA; CAMINHA, 2022).

De acordo com Maurício Bragança 2022, é perceptível um cenário geopolítico marca do pela construção de muros, barreiras e outras formas de contenção de fronteiras. Esses monumentos da interdição estão presentes em várias narrativas e afetam as políticas de mobilidade das experiências espaço-temporais dos fluxos migratórios em escala global, seja em uma perspectiva de trânsito entre nações e continentes diferentes, seja em dinâmicas mais regionais e localizadas no interior de um mesmo país.

Atualmente, a fronteira México-Estados Unidos se apresenta de maneira complexa devido à grande discrepância de poder entre México e Estados Unidos. A fronteira entre estes dois Estados é a 10ª maior fronteira contínua do mundo e divide dois países com idioma, cultura, economia e peso político muito diferente. Enquanto ao sul encontra-se um país emergente de cultura latina e com uma industrialização tardia, à norte tem-se um país anglo-saxão e potência econômica, política e militar mundial (NADDI; BELUCI, 2014)

De maneira semelhante, Teresa Caldeira, em *Cidade de Muros* (2000), reconhece que as barreiras da cidade são erguidas para sobrepor a proximidade entre opositores, provavelmente pessoas de diferentes grupos sociais, e que essa separação gera consequências para a vida e o espaço públicos.

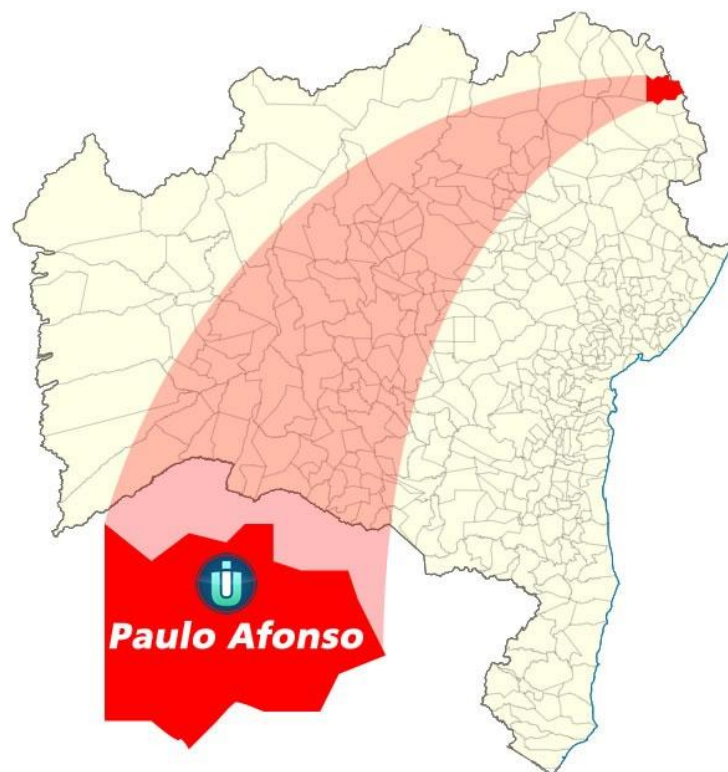
Em geral, os grupos construíram enclaves fortificados para sua residência, trabalho, lazer e consumo. Com frequência, dizem respeito ao crime e especialmente ao crime violento. Mas eles também incorporam preocupações raciais e étnicas, preconceitos de classe e referências negativas aos pobres e marginalizados. No entanto, as formas de exclusão e encerramento sob as quais as atuais transformações espaciais ocorrem são tão generalizadas que pode tratá-las como parte de uma fórmula que elites em todo o mundo vêm adotando para reconfigurar a segregação espacial de suas cidades (CALDEIRA, 2003).

### 3. INSTALAÇÃO DA CHESF E TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE DE PAULO AFONSO

O processo e desenvolvimento da colonização da região onde hoje está localizado o município de Paulo Afonso na Bahia, data desde os primórdios do século XVIII. A região já estava sendo habitada pelos povos originários, logo se constituiu enquanto espaço de conquista portuguesa nos sertões a partir da Casa da Torre de Garcia D'Avila (ALBUQUERQUE, 2019).

A luta entre o homem e a natureza sempre foi uma constante na região, a força dos elementos da natureza sempre exigiu de quem nela habitasse um certo esforço. Pelo que se sabe, os primeiros habitantes da região foram povos ameríndios, muitos vieram do litoral fugindo dos portugueses, que “descobriram” o Rio São Francisco no dia 04 de outubro de 1501, para os índios o grande fio d’água era o “Opará”, que significa rio-mar, os colonizadores o batizaram com o nome de “São Francisco”, por ter sido descoberto no dia do santo católico. Hoje, entretanto, são poucas as reservas indígenas, em Paulo Afonso atualmente na reserva ecológica Raso da Catarina vivem os índios da tribo Pankararé (SOUZA, p.2 2003).

**Figura 2:** Município de Paulo Afonso-BA.



Fonte: Site Internet Urbana, 2024.

Após a Segunda Guerra Mundial o povoado que estava localizado em Paulo Afonso se consolidou com o início da construção da Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF. Até 1964, a Companhia protagonizou a economia e a política da região. Do tecido urbano até aos jogos políticos locais, a CHESF se tornou espaço fundante de uma configuração que redefiniu a região. A Usina Hidrelétrica de Angiquinho, situada na margem alagoana do rio São Francisco, foi a primeira obra que se destinou a aproveitar o potencial da cachoeira de Paulo Afonso, além de ter sido uma das primeiras hidrelétricas do Nordeste Brasileiro (ALBUQUERQUE, 2019).

**Figura 3:** Usina Angiquinho e a Cachoeira de Paulo Afonso nas cheias do rio São Francisco



**Fonte:** Folha Sertaneja (2020)

O primeiro estudo de Paulo Afonso foi realizado pelo engenheiro e geógrafo alemão, naturalizado brasileiro, Henrique Guilherme Halfeld, a mando do Imperador D. Pedro II, entre os anos de 1852 e 1854. O estudo do Rio São Francisco foi realizado desde a Cachoeira da Pirapora, até o Oceano Atlântico, por meio de um atlas e relatório, publicado em 1860, descrevendo em alguns trechos a Cachoeira de Paulo Afonso (GENTIL, 2023).

Poetas, prosadores, curiosos aos milhares, milhões, ao longo de séculos se deixaram encantar pelas belezas das quedas da Cachoeira de Paulo Afonso. Outros, como Delmiro Gouveia e depois os engenheiros que construíram a Chesf viram que, da força destas águas poderia sair a energia hidroelétrica de que o Nordeste precisava para seu desenvolvimento (GALDINO, p.27, 2013)

**Figura 4:** Cachoeira de Paulo Afonso



**Fonte:** Henrique Halfeld, 1860.

Criada em 15 de março de 1948, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF, começa a funcionar normalmente em 1960, quando a CHESF já estava instalada na região há mais de 10 anos produzindo milhares de quilowatts de energia para todo nordeste brasileiro. Em 30 de dezembro de 1953, a Lei Estadual nº 628, coloca Paulo Afonso como distrito de Glória, tendo sua instalação se verificado em 24 de setembro de 1954 (ALBUQUERQUE, 2019).

**Figura 5:** Selo postal comemorativo da inauguração da usina hidroelétrica do São Francisco, mais conhecida como Usina Hidrelétrica Paulo Afonso I



**Fonte:** Acervo Memória da Eletricidade

O propósito da CHESF, subsidiária da Eletrobras, era gerar e transmitir energia elétrica para o Nordeste brasileiro, foi um empreendimento pioneiro e revolucionário para a época, considerada por muitos um marco na engenharia brasileira. Com a chegada da CHEFS, na década de 1950, trouxe desenvolvimento para a região, alcançando um considerável crescimento populacional, como também econômico para Paulo Afonso. Políticas de desenvolvimento que promoviam a Companhia e a região era o foco da CHESF para o setor elétrico brasileiro (GENTIL, 2023)

O crescimento econômico impulsionado pelo complexo hidroelétrico, se fez o império de energia que configurou uma mudança na rotina que quem vivia ao redor do empreendimento, quanto mais a cidade crescia, mais atenção dos sertanejos, o que estimulou o comércio e os serviços, instituindo, dessa forma, uma região econômica em expansão no Sertão nordestino. Para Lima de Oliveira 2017, a construção do complexo de hidroelétricas de Paulo Afonso foi um marco para o desenvolvimento da indústria na região Nordeste do Brasil, modificando também os modos de vida das populações que foram beneficiadas com a "luz de Paulo Afonso"

**Figura 6:** Vista do CHPA: Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso



**Fonte:** Acervo Memória da Eletricidade

De acordo com Galdino Silva (2024), a instalação das usinas da CHESF no território de Forquilha promoveu grande desenvolvimento na região, inclusive com o surgimento de novas cidades e municípios como o de Paulo Afonso que, ao se emancipar em 28 de julho de 1958, apenas 10 anos depois da chegada da Hidroelétrica já tinha uma população estimada em mais de 20 mil habitantes.

A cidade de Paulo Afonso, localizada no sertão baiano, está inserida na margem direita do Rio São Francisco, na divisa com o estado de Alagoas, logo, tão próxima dos estados de Pernambuco e Sergipe, ocupando uma área territorial de 1.544,388 km<sup>2</sup>, estando 243 m acima do nível do mar e distante 460 km de Salvador, capital do estado. Limita-se ao norte com o município de Glória-BA; ao sul com os municípios de Jeremoabo-BA, Santa Brígida-BA e o estado de Sergipe; a Leste com o Rio São Francisco e o estado de Alagoas; e a oeste com o município de Rodelas-BA. (SILVA, 2024)

O atual território do município de Paulo Afonso pertencia, até 28 de julho de 1958, ao município de Santo Antônio da Glória, hoje Glória, no Estado da Bahia que,

desde os primórdios do Século XVIII foi habitado por bandeirantes portugueses que, chefiados por Garcia D'Ávila, subiram o rio São Francisco, seduzidos pela abundância das águas e imensidão dos campos. Sabe-se que o território do município de Santo Antônio da Glória era imenso, limitando-se ao sul com Jeremoabo, incluindo o território do hoje município de Paulo Afonso e suas terras, ao norte, incluíam os atuais municípios de Rodelas, Chorrochó e Macururé (GALDINO, 2024).

O município de Paulo Afonso foi criado no dia 28 de julho de 1958 pela Lei Estadual 1.012/58, sancionada pelo governador da Bahia Antônio Balbino de Carvalho. Antes de ser criado o município, existia na região um pequeno povoado de poucas casas espalhadas pela caatinga, chamado Forquilha. O nome Paulo Afonso que se conhecia era apenas o da grande cachoeira existente no território, na divisa dos Estados da Bahia e Alagoas que até 1725 era conhecida como Cachoeira Grande, Forquilha ou Sumidouro. Esses eram os nomes pelos quais era conhecida a Cachoeira de Paulo Afonso, antes de 1725 (SILVA, 2018).

Com a Vila Poty transformada no Distrito de Paulo Afonso, pioneiros desse lugar decidiram candidatar-se a vereadores representantes desse Distrito na Câmara Municipal de Glória. E foram eleitos Abel Barbosa, Otaviano Leandro de Moraes, Amâncio Pereira de Souza e Hélio Medeiros. Embora inevitável, esse desfecho político só veio a acontecer dez anos depois de iniciadas as obras de construção da Chesf na região (GALDINO, 2024).

### **3.1. O Acampamento CHESF e a Vila Poty**

A cidade de Paulo Afonso na década de 1950 estava dividida em “duas cidades”, o Acampamento de propriedade da CHESF com uma excelente qualidade de vida, e a Vila Poty (hoje chama de rua da frente) era formada desordenadamente e com condições de vida precárias, assim, as distinções espaciais perpetuaram ao longo de várias gerações na formação da história pauloafonsina, em meio ao empreendimento que se instalava na cidade.

As desigualdades sociais presentes na formação da história pauloafonsina naquele período, fundaram à cidade de Paulo Afonso em aspectos de vida social distintos entre o Acampamento da CHESF e a Vila Poty.

O autor João de Souza Lima de Oliveira (2017) destaca que o desenvolvimento histórico da cidade de Paulo Afonso caminhou com a obra das usinas e a instalação da Companhia na cidade. Como fenômeno das segregações espaciais, agravadas por problemas sociais naquela época, cabe ressaltar, que parte da formação urbana não foi nada planejado devido à cidade ter se desenvolvido em duas circunstâncias distintas.

De acordo com André Souza (2003), as desigualdades sociais daquele período entre o Acampamento CHESF e a Vila Poty, tornaram ainda mais o sentimento de superioridade por parte dos chesfianos em relação aos moradores sem qualificação, ocasionando na instalação de uma cerca provisória e, posteriormente, substituída pela construção de um muro de pedras nas imediações, fortalecendo ainda mais essa divisão social. Mesmo depois de Paulo Afonso se tornar município, a situação precária da Vila Poty persistiu por muitos anos. A seguir, um relato de Abel Barbosa, para o historiador Antônio Galdino:

A discriminação revoltante entre a cidade da CHESF, dos ricos, e a Vila Poty, dos miseráveis, irmãos separados por uma cerca de arame farpado, que conseguiu ser piorada quando em seu lugar ergueram um grotesco muro de pedras, o muro da vergonha, motivou muito a nossa luta. Esta foi a minha bandeira de campanha para Vereador pelo Distrito de Paulo Afonso na Câmara de Glória, em 1954 (GALDINO, p. 99, 2014).

Em pleno funcionamento da CHESF em Paulo Afonso, os trabalhadores logo estabeleceram uma rotina pautada desde o tempo do trabalho ao cotidiano da vila operária. A configuração da vila operária era distribuída de tal forma que para os diretores, engenheiros, médicos, etc... da CHESF, as casas grandes; havia escolas, áreas de lazer com campos de futebol, igreja e agência bancária.

A divisão social foi demarcada desde já no alojamento, os trabalhadores mais graduados, como engenheiros, tinham um bairro próprio, que incluía o Clube Paulo Afonso (CPA), de melhor estrutura física e cultural do município, o CPA contava com

uma estrutura que continham eventos, festas salas de cinema mantidos pela Chesf que trazia os filmes diretamente do Rio de Janeiro que eram exibidos em Paulo Afonso antes mesmo que em Recife e Salvador, entre outros entretenimentos (GALDINO, 2021).

**Figura 7:** Imagem do Club de Paulo Afonso na década de 60



Fonte: Folha sertaneja (2023).

**Figura 8:** Vista do CPA imagem por drone



Fonte: Club de Paulo Afonso (2020).

Na Vila Operária, as moradias eram específicas, de acordo com a função exercida por cada um na empresa. Os trabalhadores que não tinham formação eram chamados de "cassacos" (peões, carpinteiros, pedreiros, marceneiros etc.), oriundos de diversas regiões do nordeste (GENTIL, 2023).

Dentre os clubes sociais construídos, como o Clube Paulo Afonso – CPA, designado aos profissionais titulados com nível superior e ao pessoal da direção da Companhia, cabe destacar o Clube Operário Paulo Afonso – COPA, que além de destinado a eventos também contava com um cinema, conhecido como CINECOPA, este reservado aos operários, ao pessoal de nível médio e suas famílias (GALDINO, 2021).

**Figura 9:** Prédio do COPA



**Fonte:** João Lima, 2019.

Dentre os diversos entretenimento e eventos proporcionando para os trabalhadores e suas famílias no COPA, os bailes eram os mais emblemáticos e cobiçados da época, realizados aos sábados, era ambiente festejos e encontros românticos da época, os bailes continuaram sendo realizados até meados da década de 90.

**Figura 10:** COPA - clube operário de Paulo Afonso os inesquecíveis bailes do passado



**Fonte:** João Lima, 2019.

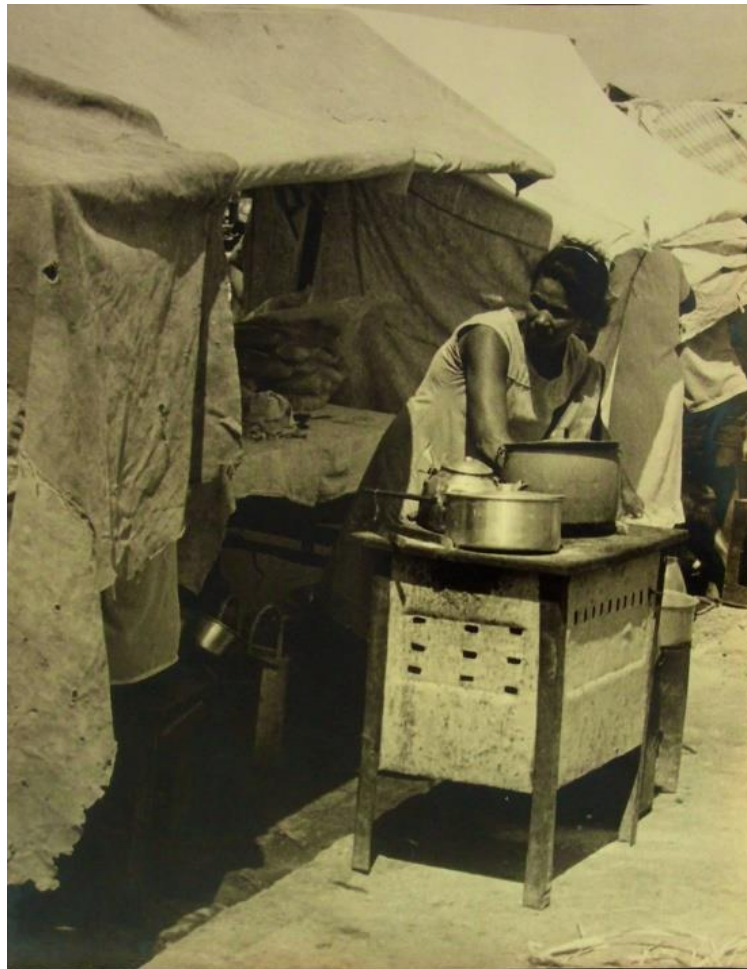
No restaurante da CHESF também existia esta divisão, alguns antigos funcionários afirmam que existiam três pratos e acentos diferentes dentro do restaurante, que seguiam as divisões sociais da empresa e que só viriam mudar depois das reivindicações dos funcionários (SOUZA, 2003).

Já na Vila Poty, localizada nas imediações do município começou a se constituir um aglomerado de barracos, onde se amontoavam milhares de pessoas, entre elas operários sem qualificação, empregadas domésticas, lavadeiras, prestadores de pequenos serviços, prostitutas e desempregados em busca de uma colocação (GENTIL, 2023). Sem qualquer planejamento urbanístico, os barracos eram improvisados com o material disponível: tábuas, latas e barro. Eram cobertos com palha, lata ou sacos de cimento vazios, daí advindo o nome Vila Poty que o aglomerado tomou, por conta do cimento Poty utilizado nas obras da hidrelétrica.

As pessoas que ali habitavam sofriam alguns preconceitos dos moradores do acampamento da Chesf, mas isso não quer dizer que a Vila Poty não tinha suas maneiras de se auto afirmar dentro do lugar. Várias foram suas formas de se organizar e lutar por espaço dentro do cenário Pauloafonsino. Para além de posição de vítima, de um contexto excludente o muro (popular como muro da vergonha), oferecia várias

manifestações culturais que se difundiam e agregavam valor ao espaço, que relativamente impressionava em suas maneiras de ser (CONCEIÇÃO, 2018)

**Figura 11:** Cozinha da Vila Poty



**Fonte:** Acervo Memória da Eletricidade

Começou a surgir então uma expansiva divisão territorial de um lado a CHESF e do outro um lugarejo sem qualquer planejamento, sem água encanada e sem energia elétrica para acomodar as centenas de pessoas que chegavam todos os dias.

Por conta de os barracos serem cobertos com pacotes de cimento, os incêndios eram comuns. Só depois começam a surgir imóveis construídos em alvenaria, os primeiros estabelecimentos comerciais e algumas casas. Sem água e com os esgotos correndo a céu aberto, as doenças infectocontagiosas grassavam. A

Vila Poty não tinha água, luz, esgoto, escola ou qualquer dos outros benefícios existentes no acampamento da Chesf. (GALDINO, 2018)

**Figura 12:** Casas da Vila Poty



**Fonte:** João Lima, 2017.

Sob a Vila Poty se criou narrativas muito violentas, como os serviços de proteção eram cedidos pela companhia de energia, a segurança da vila era negligenciada, diante disso casos de violência eram mais comuns, não havia clubs organizados como os da CHESF, todavia, houve na vila a criação de um “clube aberto” (CONCEIÇÃO, 2018).

**Figura 13:** Imagem da feira livre na década de 70, atual praça Abel Barbosa.



**Fonte:** Folha Sertaneja 2024.

Sobre as organizações espaciais que foram se formando na Vila Poty, se configuravam de forma limitadas para suprir a necessidades das pessoas que foram se inserindo na região o pesquisador Antônio Galdino em 2014 descreve:

Existia ali onde hoje é a feirinha, toda aquela área da feirinha. Era a região que... Tinha vários nomes: Era o cabaré, era o mangaratiba, era também a zona de baixo meretrício, etc. Era tudo ali. E foi uma área que cresceu muito por conta da grande quantidade de pessoas que chegavam na região. Ora, a maioria dos empregados da CHESF, os que chegavam primeiro, vinham na expectativa de arranjar emprego. E não sabiam quais eram as condições desta região para acomodar a família. Portanto, muitos vinham solteiros, sem mulheres, sem filho, sem família. E aqui apareciam as mulheres "de vida livre" que faziam... Eram muitas, e organizadas. Eram várias casas enquadradas onde é hoje ali a feirinha. Ali é onde funcionava a famosa zona do baixo meretrício. Era um grande clube aberto. Por isso que tinha de tudo (GALDINO, p. 35, 2014).

No início a cidade de Paulo Afonso era dividida em zonas, através de cercas de arame farpado e que depois foram substituídas por pedras, que delimitavam o espaço social de cada indivíduo, quem morava na Vila Poty não podia ultrapassar os muros e ir a Vila da CHESF, a não ser que tivessem alguma autorização dos superiores, a CHESF mantinha dentro da sua Vila guardas que faziam a segurança dos moradores e proibiam os operários de circular livremente nessa área, embora o inverso fosse permitido, ou seja, os moradores da Vila da CHESF tinham o livre arbítrio de circular onde quisessem, inclusive dentro da Vila Poty (GENTIL, 2023).

O acesso ficou cada vez mais restrito, com a construção de três guaritas e contratação de seguranças, onde todos deveriam se identificar ao entrar ou ao sair, as estradas eram de péssimo estado e as principais escolas eram dentro do acampamento CHESF, incluindo a escola chamada (Adozindo) prédio hoje onde está localizado a UNEB prédio caminhos da Caatinga, onde se destacava também o colégio Paulo Afonso (COLEPA) destinado aos filhos dos engenheiros (GENTIL, 2023)

Para seus servidores a empresa proporcionou a fundação de hospital, clubes e criação de escolas para os filhos dos seus funcionários imprimiu uma dinâmica social à região do Sertão do São Francisco, estabelecendo nova configuração na vida dos sertanejos incorporados pela empresa no "seu" projeto de "modernização" para o Nordeste (NASCIMENTO, 2019 Apud GENTIL, 2023).

**Figura 14:** Escola Adozindo Magalhães de Oliveira, onde hoje se localiza a Universidade do Estado da Bahia Campus VIII



**Fonte:** Folha sertaneja, 2022.

O projeto do acampamento destinou especialmente na estruturação de um núcleo urbano em meio ao grande empreendimento da Companhia, situando a localização da feira, mercados, unidades de saúde, instituições de ensino, como também de áreas residenciais, da cadeia e postos de combustíveis. Com isso, a CHESF demarcou sua área de domínio, de início com uma cerca de arame farpado, e depois com um muro de cimento e pedra, visto que a região tinha fama de violenta (GENTIL, 2023)

Por força de decisão do governo, pela qual a CHESF só podia cuidar de “gerar, transmitir e comercializar energia hidroelétrica” a empresa estatal foi impedida de continuar mantendo suas escolas, cujo sistema de ensino, desde os anos de 1970 foi considerado pelo Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia, como Modelo de Ensino do Nordeste. Por fim, cumprindo a decisão do governo federal, no ano 2000 a CHESF encerrou suas atividades voltadas para a Educação dos filhos dos seus empregados (GALDINO, 2022).

Os privilégios para os filhos dos funcionários da CHESF não estavam associados somente ao bem-estar do modo de vida ou até mesmo a oportunidade de construir um futuro promissor com as ofertas de estudo, a moradias melhores estruturadas, ou a club para entretenimentos aos fins de semana, mas, também a regalias como presentes em fim de ano.

**Figura 15:** Fila dos trabalhadores da CHESF para receber os presentes de natal dos seus filhos



**Fonte:** Folha Sertaneja, Antônio Galdino 2024.

Em algumas memórias e relatos do professor e historiador de Paulo Afonso Antônio Galdino ele ressalta que nos primeiros anos de Paulo Afonso, todo fim de ano, os filhos dos empregados da Chesf recebiam presentes de Natal. Eram filas enormes no Restaurante da Chesf ou no campo de futebol (hoje Estádio Álvaro de Carvalho), mas o presente de Natal das crianças estava garantido (Galdino, 2024).

Quanto mais o acampamento CHESF crescia, maior eram as diferenças entre a CHESF e a Poty, maior o sentimento de superioridade dos chesfianos, em relação

aos moradores da Poty, nesses espaços privatizados e exclusivos observa-se um leque de valores que se pode articular com um narcisismo coletivo, instaurado neste ambiente de convivência entre iguais ou semelhantes (SOUZA, 2003)

**Figura 16:** O natal na CHESF, entrega dos presentes natalinos para os filhos dos empregados.



**Fonte:** Folha Sertaneja, Antônio Galdino 2024.

Segundo Taítalo Gentil 2023, com a chegada da Companhia e a estrutura urbana se inchando de trabalhadores e suas famílias, disse um jornalista em reportagem para a extinta Revista Manchete, o seguinte: “Não convém que Vila Poty exista no mapa”. Não é necessário muito conhecimento para entender o motivo dessa fala, analisando o padrão que CHESF almejava introduzir na região de Paulo Afonso, não era conveniente que as pessoas da Vila Poty ganhassem destaque, para os mesmos seria motivo de “desvalorização” da região, as justificativas na tentativa de

marginalizar as pessoas que estavam além do muro, era conveniente ocasionando um apagamento proposital da história.

**Figura 17:** Vila Poty



**Fonte:** Acervo Memória da Eletricidade

O que induz a refletir em como vivenciaria o outro lado, aos impactos causados não somente materiais, aos que não tinham recursos básicos para a sobrevivência, moradia e lazer, mas, aos privilégios de esperar o final do ano para ter a imagem lúdica de um papai Noel e que pudesse receber um presente de natal, entretanto observava as outras crianças, importante especificar pressão social e o abalo ao psicológico das famílias e de seus filhos que vivenciaram esses acontecimentos ano após ano.

#### 4. O MURO DE PAULO AFONSO

O início da segregação da entre os moradores da CHEFS e os moradores da Vila Poty foi constituído por uma cerca de arame farpado e posteriormente veio a construção do muro a extensão do muro era de aproximadamente 1,5 km, ao passar dos anos o muro de pedras ficou conhecido como o muro da vergonha (numa alusão ao muro de Berlim) para a população pauloafonsina.

**Figura 18:** Início da separação do acampamento da CHEFS e a Vila Poty



**Fonte:** Acervo Casa da Cultura Paulo Afonso

Logo que a Chesf se instalou já houve essa delimitação de territórios, ou seja, por volta da década de 50, a cerca era instalada não demorou muito, de acordo com relatos de moradores na década de 60 o muro foi construído e ficou de pé como uma estrutura de poder até a década de 80, atualmente a localização do muro está entre a Rua da Harmonia e a Avenida Getúlio Vargas, por toda extensão dessas ruas existem partes desse muro, algumas ligadas diretamente a construções de moradias, ou partes estão sendo utilizadas como criações de novos espaços como escolas, quartéis.

O muro fazia uma ligação entre duas das 3 guaritas construídas, com processo de emancipação de Paulo Afonso temos em destaque o Vereador e posteriormente prefeito de Paulo Afonso Abel Barbosa, que lutou para pôr um fim nas regalias selecionadas somente aos chesfianos, “Abelistas era chamado quem era proibido de entrar na área da CHESF, isso em função da articulação e engajamento de Abel Barbosa em acabar com esses privilégios e a sua luta pela emancipação do município de Glória” (ALBUQUERQUE, 2019)

Ao longo dos anos e das gestões municipais, em decorrência das lutas constantes dos emancipacionistas a derrubada no muro se concretizou, hoje nas imediações do muro o centro da cidade se desenvolveu, passando por reformas, pavimentação e constituído principalmente pelo desenvolvimento do comércio local, residências, praças e demais espaços públicos no entorno da antiga Vila Poty e da Rua da Frente, atual Av. Getúlio Vargas.

A discriminação que aconteceu na época se tornou para população um caso de revolta, de um lado a cidade da CHESF, dos ricos, e do outro Vila Poty, dos miseráveis, eram companheiros separados por uma cerca de arame farpado, que conseguiu ser piorada quando em seu lugar ergueram um gigantesco muro de pedras, toda revolta motivou muito a luta dos moradores. No qual fizeram parte do conjunto de campanha para Vereador pelo Distrito de Paulo Afonso na Câmara de Glória, em 1954, Abel Barbosa (GALDINO, 2014).

O muro foi por muito tempo, pauta de discórdia entre chesfianos e os moradores da Poty, e só viria perder sua função em 1986, quando o então prefeito de Paulo Afonso Abel Barbosa loteou um terreno que pertencia a prefeitura a 1 metro de distância do muro, onde atualmente se encontra o calçadão da Av. Getúlio Vargas com lojas comerciais. Ironicamente em 2002, toda a área do acampamento da CHESF passou a ser de responsabilidade da administração da Prefeitura Municipal de Paulo Afonso, a revanche histórica pôs um ponto final nas desigualdades, unindo aqueles que cresceram separadamente. (SOUZA, 2003).

**Figura 19:** Ilustração que simboliza a luta de Abel Barbosa para a derrubada do muro, Feita por um artista local Edson Chucky



**Fonte:** Acerte Paulo Afonso, 2014.

De acordo com Lima de Oliveira 2017, sob a liderança de Abel Barbosa, o grupo de vereadores em meio a tantas lutas por muitos anos defenderam a emancipação política de Paulo Afonso. Para os cidadãos pioneiros, em suas percepções, essas vivências ficaram marcadas como um emaranhado de situações que despertam até hoje o imaginário dos que perpassaram tal período, não apenas por brigas e desordem como a elite e parte da classe operária tentava fazer acreditar, mas para, além disso, por um complexo de manifestações culturais e comportamentos sociais que produziram personagens históricos inesquecíveis da cidade alguns ainda vivos e com narrativas significativa para a história de Paulo Afonso.

#### 4.1. Pesquisa de campo e parte materializada da história

A pesquisa constituiu-se em determinar qual a área da extensão do muro e em quais localidades ainda existiam seguimentos da estrutura, foi exercido um caminhamento, registros fotográficos, elaboração de um croqui arqueológico e um mapeamento desses dados, para identificação do muro, parte materializada da história, de acordo com a localização já mencionada nos registros históricos o caminhamento foi realizado conforme os relatos o muro se iniciaria, conforme as informações o muro ficava localizado junto a antiga guarita, de entrada e saída dos trabalhadores, próximo a atual praça das mangueiras, vinculado a esta guarita está a Caixa de água onde também era tocada a sirene que indicava a locomoção dos trabalhadores.

**Figura 20:** Realização do trabalho de identificação da estrutura



**Fonte:** Autora, 2024.

A sirene, considerada patrimônio histórico e cultural, foi reativada pela Prefeitura de Paulo Afonso no ano em que a Companhia da CHESF comemorava seu 70º aniversário. Durante o dia, o som é emitido como lembrança às 8h, 12h, 14h e 16h, estando localizada na Praça das Mangueiras, onde se situava a “Guarita Principal” onde dava início a divisão de espacialidade (GENTIL, 2023).

**Figura 21:** Caixa d’água e sirenes



**Fonte:** Autora, 2024.

“O Som da História” é uma homenagem aos trabalhadores que participaram da construção da CHESF e transformaram a história de Paulo Afonso, o soar das sirenes foi considerado um barulho ensurdecedor, um elemento marcante na memória coletiva da população local por anos, ao chegar os horários que eram tocadas, os antigos relatam ouvir no seu inconsciente, marcando uma vida mesmo após sua desativação.

A realização de um dos trabalhos de campo se caracterizou em executar um caminhamento com gps para identificar e mapear os fragmentos do muro ainda existentes, foram marcados 6 pontos, ou seja, 6 partes do muro fragmentadas durante sua extensão, que se deu desde a caixa de água na rua da Harmonia até o fim da Avenida Getúlio Vargas, mencionada anteriormente como “rua da frente”, durante o trabalho retifico a observação de como o muro ocupa espaços do cotidiano da população pauloafonsino, visto que as partes em sua totalidade está associada a construções de comércio e moradia.

**Figura 22:** Caminhamento do GPS



**Fonte:** Autora, 2024.

As informações a seguir sobre os pontos (pedaços do muro) podemos observar no mapa inserido na página 52, o ponto muro 1 indica a parte que está posicionada na rua da Harmonia, aproximada ao Hotel San Marino, localizado em frente à Praça das Mangueiras, onde se situava a “Guarita Principal”, porta de entrada para o acampamento como também para o canteiro de obras da CHESF, estabelecida no centro da cidade, atribuindo assim, um valor representativo.

No ponto muro 2, ainda localizado na rua da Harmonia, foi verificado que sua visibilidade não é tão explícita como os outros pontos, pois está situado em um estabelecimento de moto taxi, o que ocasionada o estacionamento de muitas motos em sua frente, este ponto especificamente é o mais próximo da UNEB Campus VIII caminhos da Caatinga.

No ponto muro 3 rua da Harmonia, assim como é observado nos outros pontos o muro está sempre atrás de alguma estrutura, comumente um prédio comercial ou residencial, o que retifica as informações de que o muro não foi derrubado em sua totalidade, apenas em partes que atrapalhavam o crescimento da cidade, assim como observado, o ponto 3 tem uma extensão maior que alguns outros pontos, sua continuidade é mais extensa, porém seu tamanho é reduzido, essas reduções se deram pela necessidade de abrir uma porta, janelas ou pelo simples desejo de fazer uma calçada, muitos prédios aproveitaram dessa estrutura deixando-as para servir de alicerce em suas construções.

No ponto muro 4 e último da rua da Harmonia, é um dos pontos mais representativos, pois retrata claramente o crescimento da cidade por cima do muro, escada agora desativada levava para entrada pelos fundos de um condomínio residencial, hoje no térreo do prédio funciona uma sorveteria muito conhecida na região, por representar esse novo ressignificado do muro essa parte foi escolhida para a realização do croqui.

O ponto muro 5 está situado na Avenida Getúlio Vargas, é evidente que essa porção incorporada da história é mais inserida no cotidiano das pessoas, por sua localização na avenida principal da cidade, esse fragmento do muro faz parte hoje do muro do colégio Estadual Carlina Barbosa de Deus, antiga 2º Guarita da CHESF.

No ponto muro 6 e última parte do muro, apesar de estar localizada na Avenida Getúlio, não é tão exposta por ser no final da avenida, essa fragmentação do muro está ligada a uma antiga guarita da CHESF e a implantação do exército em Paulo Afonso.

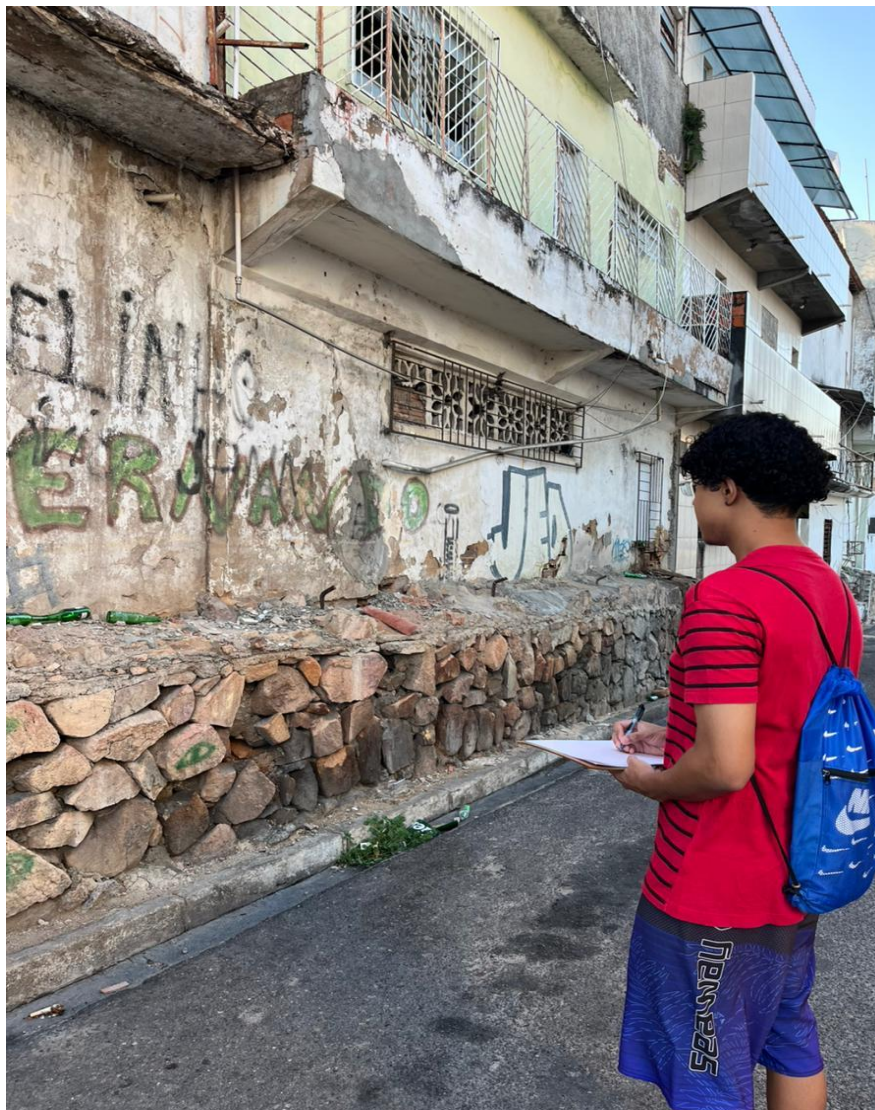
Insiro mapa para uma orientação melhor e visualizar cada ponto apresentado anteriormente, o mapa apresenta detalhadamente a localização do antigo muro de Paulo Afonso, em marrom está a localização do muro e qual era a sua extensão por completo, no quadrado amarelo está sinalizado as partes existentes na rua da Harmonia e na Avenida Getúlio Vargas, em cada parte puxa sua respectiva ilustração para uma melhor compreensão dos detalhamentos apresentados acima.

**Figura 23: Mapa da localização do muro de Paulo Afonso.**



De acordo com Edward Harris em seu livro princípios de estratigrafia arqueológica (1991), a estratificação é um subproduto da atividade humana: na construção de um edifício, por exemplo, não há previsão de criação da estratificação, A confirmação deste fato óbvio serve para sublinhar a importância vital que esta ideia desempenha na forma como os arqueólogos realizam seus registros, o croqui é um tipo de desenho utilizado pelos arqueólogos para facilitar a identificação e compreender as estruturas.

**Figura 24:** Imagem do Gustavo realizando o croqui do ponto 4



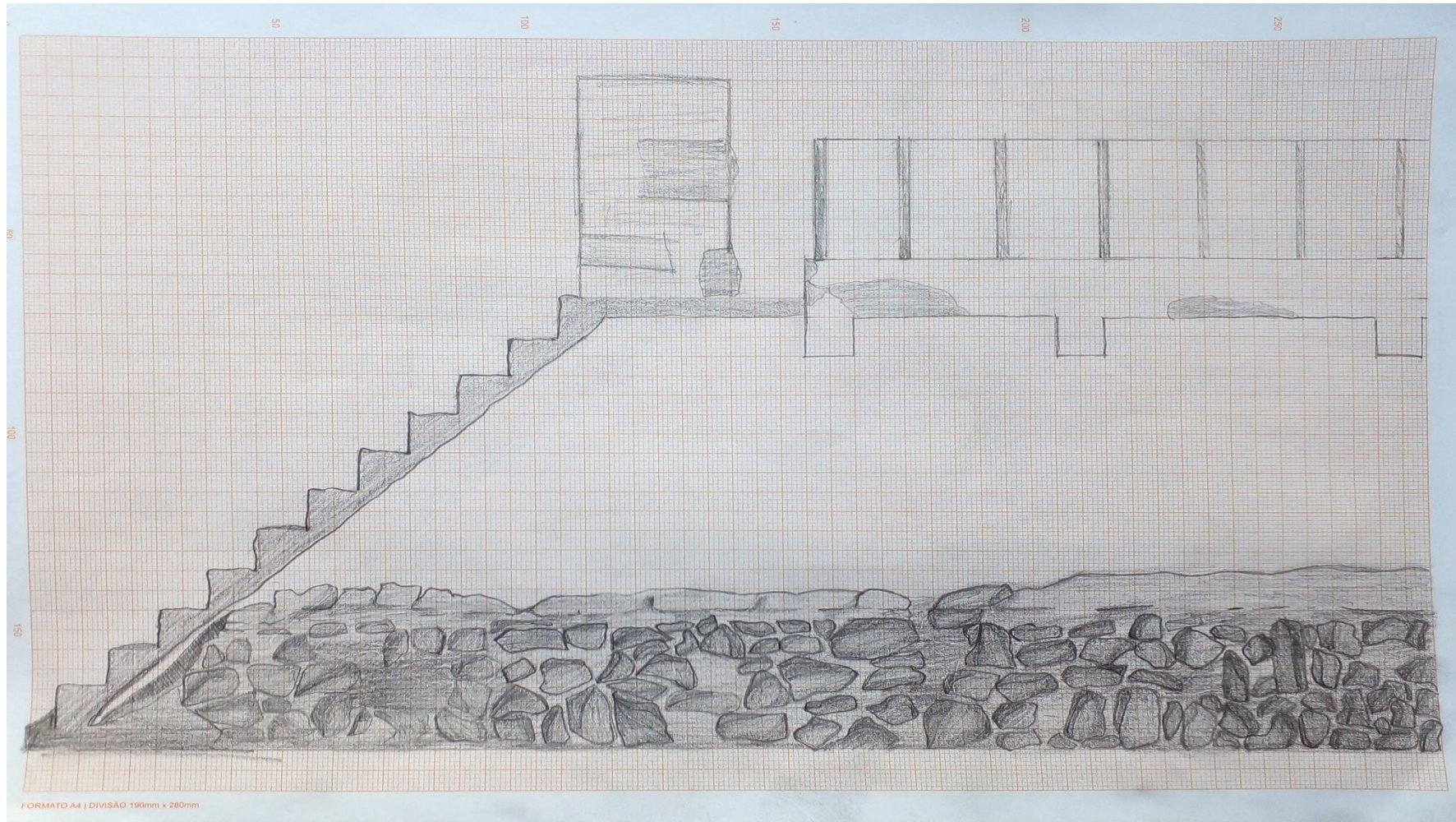
**Fonte:** Autora, 2024.

**Figura 25:** Imagem do ponto 4 no qual foi realizado o croqui



**Fonte:** Autora, 2024.

**Figura 26:** Croqui, desenho arqueológico



**Fonte:** Gustavo Rodrigues, 2024.

**Figura 27:** Imagem representando a naturalização do muro nos ambientes cotidianos



**Fonte:** Autora, 2024.

Foi possível observar que a estratigrafia do muro é composta por pedras de tamanho grande e medianas, identificamos também a utilização de cimento para que se haja uma consistência na estrutura, as pedras aparentam ter sido colocadas de forma ordenada, somando as análises de todos os resquícios do muro propõe-se que a estrutura teria uma extensão aproximada de 1,5 km com mais ou menos 2 metros de altura, é explícito que CHESF tenha usado o muro como uma estrutura arquitetada para impor poder e controle sobre organização social e política na região de Paulo Afonso, que apesar do muro ser um acontecimento hostil na história transfigurou em uma estrutura naturalizada e inserida no cotidiano dos dias atuais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As desigualdades sociais presentes na formação da história pauloafonsina naquele período, fundaram à cidade de Paulo Afonso em aspectos de vida social distintos entre o Acampamento da CHEFS e a Vila Poty. A segregação entre classes sociais é uma manifestação que reflete as desigualdades estruturais do modo de produção capitalista. Nesse contexto, o espaço social torna-se uma expressão de dominação de diferentes grupos, marcada por relações de poder e pela distribuição desigual de recursos (LEMOS, 2019)

Com o crescimento da cidade após a “queda” o muro existe hoje de duas formas, no inconsciente, onde a população utiliza como os alicerces de suas moradias e comércios, e o consciente, deixaram “pedaços” resquícios do muro intactos na sua história, cada um com uma narrativa e suas angustias, afinal 30 anos não são apagados tão facilmente e nem devem.

Apesar de existir algumas documentações a respeito dessa divisão de cidade e de classes sociais, não se encontra informações concretas de qual ano o muro foi construído, ou em que ano ao certo começou a se desintegrar essas separações, embora tenhamos utilizado o termo “queda” ela nunca existiu, ao que tudo indica, com o crescimento do comércio, da população e da emancipação política de Paulo Afonso, o muro se torna uma estrutura “invisível” atrás das grandes construções.

Outro ponto que se deve levantar, em relação à arquitetura, é que os detentores do poder sempre estiveram atentos a certas propriedades manifestadas na construção espacial uma delas é a capacidade de dominar pelas dimensões (Souza 2003). Em Paulo Afonso essa expressão de domínio está claramente relacionada a CHEFS, quando determinada quem podia ir e vir.

Paulo Afonso se desenvolveu em diversos aspectos sociais e econômicos, sendo considerada uma cidade de porte médio, na Bahia e na região, seu crescimento populacional estimado em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBGE, era de 119.213 habitantes, sendo o 15º município mais populoso entre os 417 municípios da Bahia.

Lamentavelmente observamos que esses traços de dominação não estão apagados ao longo dos anos, Paulo Afonso ainda se configura uma cidade pobremente elitista, os traços do passado ainda estão presentes quando para se ter acesso há um mero lazer no Club de Paulo Afonso é preciso ser associado, onde o custo de vida na cidade é equivalente ou maior de uma capital.

Atualmente, essas áreas ainda recebem o nome de Acampamento CHESF, apresentando ainda as características de vias e espaços públicos de pouca movimentação e de lindas paisagens naturais, uma região habitada geralmente por chesfianos aposentados e de alguns locais pertencentes à Companhia, como o Memorial Chesf, resguardando histórias que na cidade foram construídas, e prédios administrativos e operacionais, diferente do centro comercial que se expandiu significativamente ao longo da antiga Rua da Frente e da Vila Poty, refletindo ainda hoje o passado e seus diferentes contextos espaciais (GENTIL, 2023).

A CHESF como companhia tinha um propósito de assentamento dentro de seu próprio acampamento, a empresa, com o consentimento do governo federal, criou uma sociedade dividida ao meio. Uma que eram seus funcionários que viviam uma falsa liberdade, e outra segregada para fora do muro, dentre outras companhias a de Paulo Afonso especificamente foi a que melhor se desenvolveu, garantindo para os que tinham cargos de poder uma infraestrutura excelente para suas famílias, proporcionando saúde, educação e lazer, dentro de seu próprio acampamento existiam distinções sociais e aos acessos a ambientes separados para os engenheiros, operários e aos cassacos (que não tinham especialização).

Muitos acreditavam que com a emancipação da cidade, a mesma seria unificada, melhorando assim, a infraestrutura urbana da Vila Poty e das condições de vida da população que ali residia, mas, de fato a CHESF moldou o início da cidade e à configura até os dias atuais, a segregação de Paulo Afonso se assemelha a um dispositivo de poder destinado a desintegrar corpos e mentes.

## REFERENCIAS

- ALBUQUERQUE, Adriano. **Antes e depois DA CHESF: as transformações políticas e sociais de Paulo Afonso (BA) (1948-1964)**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CAMPUS DO SERTÃO. 2019.
- ALVES, Hidemberg. **O muro Israelense. Reflexões e perspectivas jurídicas** (visão multicultural). In Anuario Mexicano de Derecho Internacional: Vol. VII. 2007.
- AVILA, Carlos Federico Domínguez. **A queda do muro de Berlim: um estudo com fontes brasileiras**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 37, p. 93-110, out. 2010.
- ARAUJO, Ana Paula. **Grande livro que guarda para sempre no papel a História de Paulo Afonso**. 2014. Disponível em: <https://acertepauloafonso.com.br/materia/noticias/111/Grande+livro+que+guarda+para+sempre+no+papel+a+Hist%C3%B3ria+de+Paulo+Afonso>. Acesso em: 10/12/2024.
- CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo** (2000 Copyright Editora 34 Ltda. I Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, Ed.). 2023.
- CONCEIÇÃO, Lázaro. **Entre Construções, Diversões e Memórias: lazer em Paulo Afonso**. Universidade Federal de Alagoas, Campus Do Sertão. 2018.
- DE BRAGANÇA, Maurício; CAMINHA, Marina. **M.A.M.O.N.: disputa, pertencimento e resistência na imagem do muro México/Estados Unidos**. Revista de Comunicação e Cultura. 2022.
- FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. **Perspectivas pós-modernas na literatura contemporânea**. Departamento de Literatura – Universidade Estadual Paulista. 2010.
- GALDINO, Antônio. **Paulo Afonso Das Origens aos nossos dias**. Jornal Folha Sertaneja, Nº 230. 2024. Disponível em: [www.folhasertaneja.com.br](http://www.folhasertaneja.com.br) Acesso em: 24/11/2024
- GALDINO, Antônio. **Há 70 anos, pelas estradas do Sertão, cheguei em Forquilha, Vila Poty, Paulo Afonso-Bahia**. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/colunistas/807462>. Acesso em: 18/10/2024.
- GALDINO, Antônio. **Ex-alunos do COLEPA já se preparam para o desfile de 28 de julho e o 1º encontro de confraternização deste ano 2024**. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/colunistas/781440>. Acesso em: 07/10/2024
- GALDINO, Antônio. **Há 107 anos nascia a Usina Hidrelétrica de Angiquinho**. 2020 Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/memoriaviva/427020>. Acesso em: 03/10/2024.

GENTIL. Taítalo. **Rugosidades e imagens da cidade de Paulo Afonso-ba: os lugares histórico-geográficos como sínteses de consolidação da terra da energia**. Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão. 2023.

GUSTAVO, J; MELO, S; VIEIRA DO REIS, J; FREIRE DA SILVA, J; ALVES, E. R; SILVA, C. **Degradação socioespacial: análise dos impactos provocados pela construção do complexo hidroelétrico de Paulo Afonso**. Revista Brasileira de Meio Ambiente, 2, 94–104. 2018.

HALFELD, Henrique G. F. **Relatório concernente a exploração do Rio São Francisco: desde a cachoeira a Pirapora até o Oceano Atlântico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Empresa das Artes, 1860.

HARRIS, Edward C. **Principios de estratigrafía arqueológica**. Editorial Crítica, S.A., Aragó, 385, 08013 Barcelon. 1991.

HURTADO Carlos; C. C. **Los Muros que Defienden la Tierra Del Mar Arqueologia De La Guerra Y Defensa Marítima En Cartagena De Indias En El Perivodo Colonial**. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. 2010.

JÚNIOR, Francisco Nery. **CPA, um legado a ser preservado 2023**. Disponível em: <https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/colunistasprofessorner/741664>.

**Acesso em:** 08/10/2024.

JÚNIOR, Luiz Alberto Ordonez Daniel. **Cozinha na Vila Poty**. Disponível em: <https://memoriadaeletricidade.com.br/acervo/137185/cozinha-na-vila-poty>. **Acesso em:** 08/10/2024

LE MOS, Caroline. **ARQUITETANDO O TERROR: UM ESTUDO SENSORIAL DOS CENTROS DE DETENÇÃO OFICIAIS E CLANDESTINOS DA DITADURA CIVIL-MILITAR DO BRASIL (1964-1985)**. Universidade Federal de Sergipe. 2019.

LIMA, João de Sousa. **Paulo Afonso e a Vila Poty: A história não contada**. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2017.

LIMA, João de Sousa. **Paulo Afonso e a Vila Poty, A História Não Contada 2017**. Disponível em: [www.joaodesousalima.blogspot.com](http://www.joaodesousalima.blogspot.com). **Acesso em:** 08/10/2024.

LIMA, João de Sousa. **COPA - Clube operário de Paulo Afonso os inesquecíveis bailes do passado 2019**. Disponível em: [www.joaodesousalima.blogspot.com](http://www.joaodesousalima.blogspot.com). **Acesso em:** 08/10/2024.

MARRESE, Daniella Aburad. **O medo mora dentro**. Universidade de São Paulo. 2017.

Mapa do município de Paulo Afonso, **Internet Urbana**. Disponível em: <https://interneturbana.com.br/bahia/paulo-afonso/>. **Acesso em:** 07/12/2024

PMPA – PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULO AFONSO. **Antiga sirene da Chesf passa por revisão e volta funcionar**. Disponível em: <http://www.pauloafonso.ba.gov.br/novo/?p=noticias&i=7632#>. **Acesso em:** 13/11/2024.

RANDALL H. MCGUIRE. **Edificando el poder en el paisaje cultural del condado de Broome, Nueva York**. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. 2008.

SIDARTA, C; DOMINGOS, M; MARTINS DE LIMA, L; COLLOVINI, R. **O Muro de Berlim: símbolo maior da Guerra Fria** (Vol. 31). 2019.

SIMAS, Fernanda. **O Muro de Berlim**. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/muro-de-berlim/> Acesso em: 06/10/2024.

SOUZA, André. **Paulo Afonso: Um muro, duas cidades**. Universidade Federal de Sergipe – Brasil. 2003.

SOUZA, Marcos. **Uma outra escravidão: A paisagem social no engenho de São Joaquim, Goiás**. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. 2017.

TARGINO, Rafael Bezerra. **O MURO NO JORNAL: Uma análise do discurso do Berliner Zeitung: antes e depois da queda do Muro de Berlim**. Universidade de São Paulo. 2018.

WALID, B., NADDI, M., & BELUCI, V. P. **Fronteira México-Estados Unidos: Um panorama geral**. 2014.

ZARANKIN, Andrés. **Paredes que Domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista: O caso de Buenos Aires**. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. 2001

ZARANKIN, André; NIRO, Claudio. **A MATERIALIZAÇÃO DO SADISMO: ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA DOS CENTROS CLANDESTINOS DE DETENÇÃO DA DITADURA MILITAR ARGENTINA (1976-1983)**. Revista Internacional de Direito e Cidadania. n. 6, p. 17-32, fevereiro/2010.

ZARANKIN, Andrés; FUNARI Pedro Paulo. **Arqueologia de La Arquitectura una mirada desde América del Sur**. 2021.